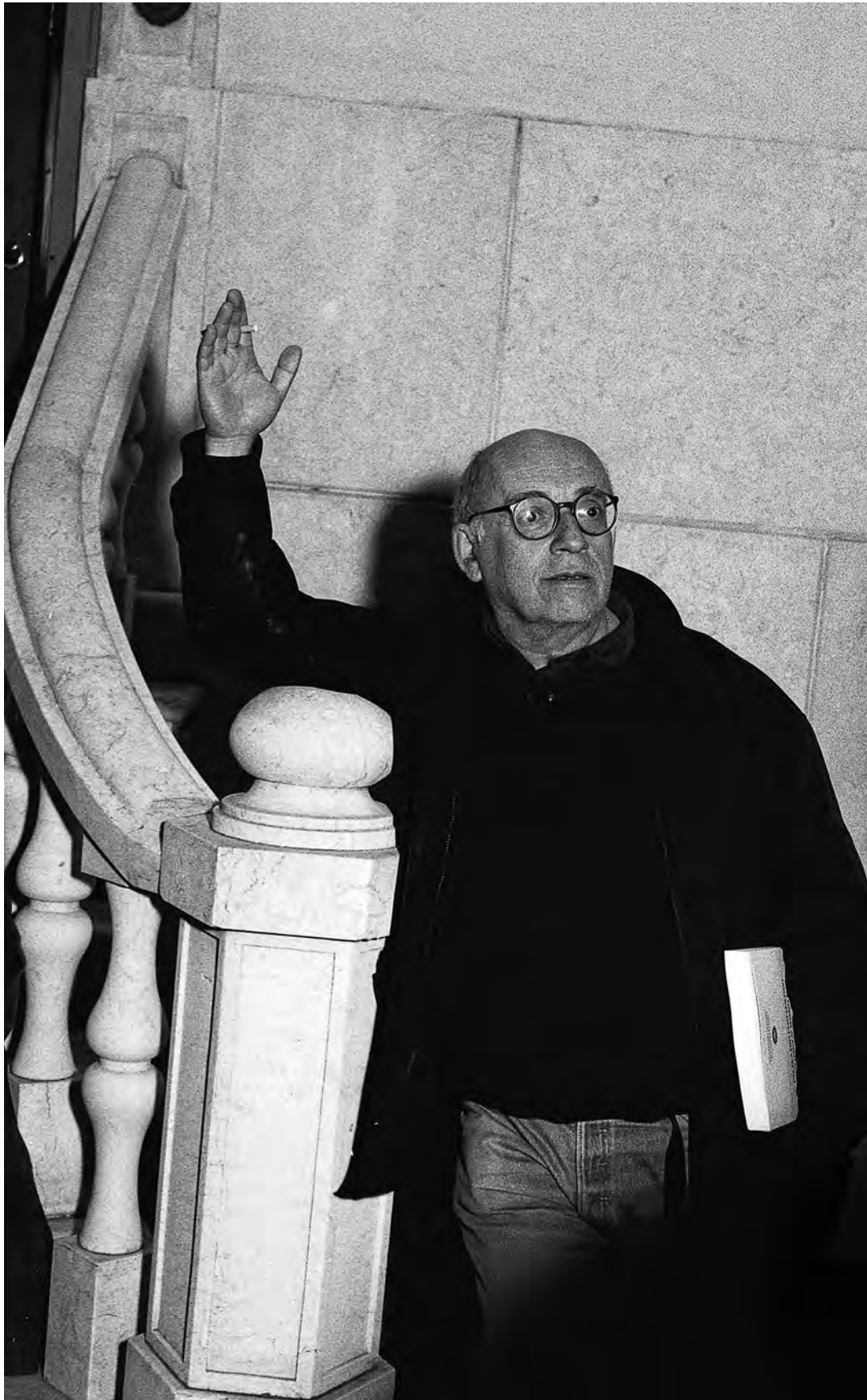


JORGE SILVA MELO
VIVER AMANHÃ COMO HOJE

AOS ARTISTAS UNIDOS, QUE CONTINUAM

Carta-branca sem receita	Jorge Silva Melo	9
Abertura	José Manuel Costa	13
Com a verdade me enganas	Maria João Madeira	17
Transmissões		
Depressa e bem, pois é	João Lameira	27
A volta no parafuso	Francisco Frazão	47
Um véu negro	Luís Miguel Oliveira	63
Ninguém duas vezes, o cinema e outras artes	Miguel Lobo Antunes	69
Coitado do Jorge	Bernardo Pinto de Almeida	79
O Dinheiro	João Pedro Rodrigues	87
Sobre Jorge Silva Melo, sobre o Jorge		
Sobre Jorge Silva Melo, sobre o Jorge	Luis Miguel Cintra	101
Fotografias de trabalho		
Fotografias de trabalho localizações preparação ensaios rodagem		120
Exultações		
Verdadeiro pré-moderno? Verdadeiro pré-romântico?	Paulo Rocha	165
Jorge Silva Melo por João Bénard da Costa – uma entrada de dicionário	João Bénard da Costa	167
O coração que bate – uma adenda biofilmográfica	Maria João Madeira	177
E não se pode exterminá-lo?	Regina Guimarães	206
Passagem ou a meio caminho	João Bénard da Costa	208
Alguém duas vezes	João Bénard da Costa	212
Ninguém duas vezes	João Bénard da Costa	212
Revenir jamais – “Lisboa como um labirinto”	Claude la Salla	215
Agosto	João Bénard da Costa	216
Correr por A-gosto	Regina Guimarães	220
O filme à beira da lagoa	Maria João Madeira	221
Foi você que fez 30 anos?	Rui Catalão	233
Contra – António, um rapaz de Lisboa	Alberto Seixas Santos	237
Rapazes	Manuel Gusmão	241
Gestos, movimentos		
Não são só filmes	Sofia Areal	247
Os documentários de Jorge Silva Melo – a vacilação do mundo	José Manuel Costa	249
Jogadores e Tempo, “teatro em conserva”	Luís Miguel Oliveira	269
Entrevistas		
Uma rara entrevista a propósito de Agosto		273
“Sou pelos cowboys” entrevista conduzida por Francisco Ferreira		279
Do retrato – filmes sobre arte entrevista inédita conduzida por Isabel Lopes Gomes		305
JSM por JSM		
Notas e intenções	Jorge Silva Melo	311
Cinco folhas não publicadas	Jorge Silva Melo	341
Projectos não realizados		
A Linha da Vida	Jorge Silva Melo	357
Stabat Mater	Jorge Silva Melo	377
Cinco artistas a quatro mãos	Jorge Silva Melo	378
Filmografia Fichas técnicas Bibliografia		
Filmografia		382
Fichas técnicas		384
Bibliografia		405
Calendários Jorge Silva Melo – viver amanhã como hoje e Carta-branca 2020 (Março 2020)		421
JSM: o cinema de Jorge Silva Melo e Carta-branca sem receita (Maio 2022)		427
Índices remissivos		432
Notas soltas		445



*But such a day to-morrow as to-day,
And to be boy eternal.*

William Shakespeare Winter Tale

*Viver amanhã como hoje,
E ser rapaz para sempre.*

Conto de Inverno

Carta-branca sem receita

Jorge Silva Melo

Não me perguntem se são os melhores do mundo. Não serão, nem está aqui nenhum Lang (nem o BEYOND! nem o MOONFLEET? não percebes nada disto, ingrato Melo), nem nenhum Renoir (e se isso fosse, todos os Hitchcock aqui estariam), nem nenhum Ray (qual dos dois?), nem o EUROPA 51, nem o PLAYTIME nem a GERTRUD ou o SUNRISE, nem o A STAR IS BORN, nem a Claudia Cardinale entra em nenhum deles... nem o Jean Gabin (!), nem estão cá as SEVEN WOMEN, meu último Ford (“so long, bastard!” conclui a Bancroft), pois não, não são os “melhores de sempre”, não. Nem os que levaria para a ilha deserta, onde não sei bem o que faria se nem projeccionista lá houvesse.



NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP

São filmes de que me lembro hoje assim às três pancadas (as de Molière eram sete...), filmes que me fizeram adulto, filmes que vêm de longe muitos, filmes muitas vezes vistos, pensados, sonhados, filmes tão diferentes, filmes com quem passaria esta noite se ainda houvesse com quem falar durante as demoradas noites que já vivi bem depois de fecharem os cinemas.

Sim, claro, RIO BRAVO de Howard Hawks, o classicismo, a evidência, como se disse, a frontalidade, a perfeição, a amizade, a redenção (mas também podíamos falar de HATARI! e dos tempos mortos, das esperas, dos olhares cruzados, da aventura). Sim, à medida que envelheço mais sei que este filme me fez, teria eu doze anos e vi-o com o meu pai um domingo à tarde. A gota de sangue no copo de cerveja, geometria perfeita e alucinada.



RIO BRAVO

Mas também gosto de filmes onde precisamente esse classicismo se estilhaça, a dúvida paira, a incerteza vence, filmes-milagre como o CLOSE-UP de Abbas Kiarostami, derradeiro filme daquilo a que chamámos cinema? Derradeiro capítulo, sim. (Ou esse foi o de MAN OF THE WEST de Anthony Mann, o paisagista lírico, magoado anúncio de velhice e impotência?)

Mas eu gosto de tudo, gosto. E acima de tudo, não gosto de receitas.

Gosto de filmes de argumento (como o dilacerante IL SOSPETTO de Francesco Maselli – mas podia ser o RUNNING ON EMPTY de Sidney Lumet) como gosto de filmes onde precisamente o argumento se esconde, quebrado (ah, como me intriga DÉTECTIVE de Jean-Luc Godard, aqueles planos das costas de Johnny Hallyday!), gosto de filmes

frágeis (comigo sempre a WANDA de Barbara Loden, descoberto em Londres, numa tarde em que evitei académica escola), mas também de grandes produções, de filmes intensamente “de autor”, segredos mesmo (como me surpreendeu a música realmente de câmara daqueles primeiros Iosseliani, ou, no mesmo cinema soviético que havia no Boulevard Raspail, aquele pungente dueto mãe-filho da imensa Muratova), como gosto de filmes de produtor (ah, o ODD MAN OUT que tanto podemos dizer que é “do” competente realizador Carol Reed como do genial director de fotografia Robert Krasker, como é dos sublimes actores-sombras mais do que negras – Mason ou Robert Newton – trabalho de equipa perfeita, tantos homens certos na noite certa, Londres para sempre sombria – mas aqui a fazer de Belfast, a funérea.

Sim, gosto de filmes arrebatados (para sempre Walsh – e bastava o plano da morte de Tab Hunter no BATTLE CRY para sabermos que estamos com o maior cineasta, aquele que sabe o que pesa, o que dói um homem caído, ferido, morto) como de filmes elegíacos, tristes, secretos (ah, a CRONACA FAMILIARE de Zurlini. Mas podia ser os FIDANZATI do tão esquecido Olmi!), ou de filmes à beira da apoplexia (e quem diria que assim é Minnelli? Mas como resistir àquelas voluptuosas TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN?).

E agora ao ver a lista destes que fui escolhendo assim, enquanto os anjos da cinefilia esfregam os olhos, vejo que gosto de filmes em Scope (como são lindas aquelas sequências iniciais sobre Nantes ou Nice e, mais tarde, Cherburgo, de Jacques Demy. (Ou gosto é do VistaVision montanhoso do Mann?). Gosto de filmes com muitas cores (mas não trouxe o vestido vermelho de Cyd Charisse, *party girl* para sempre no Ray), gosto de pequenos filmes (mas nem um Ozu, com os diabos?), gosto de quase tudo, então quando a Harriet Andersson olha para nós, até me enfió pela cadeira abaixo, ela viu-me e como eu a amei (mas também podia ser a Sara Montiel cantando na VIOLETERA e olhando para nós enquanto fuma um cigarro, o cinema é pecaminoso, volúpia da carne...)

Gosto de musicais (e não escolhi nenhum!), gosto de *screwball comedies* (e nem uma), gosto de melodramas (e nem um), ao ser preso pela Pide em 21 de Fevereiro de 1968 tinha no bolso os bilhetes para, nessa noite, poder ir ao Éden ver a estreia de THE PATSY e lembro-me da cara espantada dos pides (“este caramelo gosta do Jerry das caretas?”, pensariam os malditos), gosto de tantos filmes tão diferentes uns dos outros, quase diria que, ao iluminar-se o écran, sou realmente feliz com as luzes que se apagam, as cortinas que abrem, aquelas primeiras luzes, a promessa.¹ Sim, desde que, em menino, vi L’ONOREVOLE ANGELINA de Zampa com a Magnani, gosto de tudo.



WANDA



TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN

¹ Não é claro qual a sessão a que se refere JSM. THE PATSY estreou no cinema Éden a 25-12-1964 e foi reposto, no Apolo 70, a 13-07-1972, além de ter tido outras apresentações em Lisboa. (N.E.)

títulos programados na carta-branca

ODD MAN OUT / CASA CERCADA Carol Reed, 1947

ABISMOS DE PASIÓN / CUMBRES BORRASCOSAS /
O MONTE DOS VENDAVAIS Luís Buñuel, 1953

BATTLE CRY / ANTES DO FURACÃO Raoul Walsh, 1955

MAN OF THE WEST / O HOMEM DO OESTE Anthony
Mann, 1958

RIO BRAVO / RIO BRAVO Howard Hawks, 1959

ADIEU PHILIPPINE Jacques Rozier, 1962

CRONACA FAMILIARE / DOIS IRMÃOS DOIS DESTINOS
Valerio Zurlini, 1962

TWO WEEKS IN ANOTHER TOWN / DUAS SEMANAS
NOUTRA CIDADE Vincente Minnelli, 1962

LA BAIE DES ANGES / A GRANDE PECADORA
Jacques Demy, 1963

THE PATSY / JERRY, OITO E TRÊS QUARTOS
Jerry Lewis, 1964

PASTORALI / PASTORAL Otar Iosseliani, 1966

ERSCHIESSUNG DES LANDESVERRÄTERS ERNST S./ “A
EXECUÇÃO DO TRAIADOR ERNST S.” Richard Dindo, 1970

SOLO Jean-Pierre Mocky, 1970

DOLGYE PROVODY / “O LONGO ADEUS”
Kira Muratova, 1971

WANDA Barbara Loden, 1971

IL SOSPETTO Francesco Maselli, 1975

DÉTECTIVE Jean-Luc Godard, 1985

LE RAYON VERT / O RAIÃO VERDE Eric Rohmer, 1986

NAMAY-E NAZDIK / CLOSE-UP Abbas Kiarostami, 1990

VANITAS OU O OUTRO MUNDO Paulo Rocha, 2014

Originalmente publicado no “jornal” da Cinemateca
de Março de 2020, apresentando a carta-branca:

“A acompanhar a retrospectiva da sua obra, 20
escolhas de Jorge Silva Melo em 2020. E um texto.”



VANITAS OU O OUTRO MUNDO

E devagarinho vem-me à memória aquele arrasador “A EXECUÇÃO DE ERNST S.,
TRAIADOR À PÁTRIA” de Richard Dindo, demorado inquérito onde o cinema é a
não-representação, ruas, caminhos na floresta, o vazio. (Mas, claro, podia ser o GESTOS
& FRAGMENTOS de Seixas Santos, admirável.)

Pois, e se nasci para os filmes a ser feitos aqui, nesta terra, por obra do Paulo Rocha
(“afinal é possível!”) cujos VERDES ainda me incendeiam, mestre, amigo, é o VANITAS
que aqui trago, filme esquecido, menosprezado, atirado para o lixo do consumo, filme
sublime, fogo fátuo. E sei que dele gostaria esta noite de ficar a conversar com o João
Bénard da Costa, meu professor.

Ah, sim, porque os filmes são para depois se conversar. Estes são.

Ou então antes. Durante anos, ouvi a Luiza Neto Jorge falar de um filme que vira
em Paris e que nunca cá chegara nem nas viagens eu conseguira descobrir. Sim, eram
as CUMBRES BORRASCOSAS de Luis Buñuel que só vi anos depois da morte da Luiza,
uma tarde na Cinemateca, creio. E sobre o qual nunca consegui falar com ela. Ou
consegui?

13 de Fevereiro de 2020